

Dia Continental do Seguro

Palavras pronunciadas pelo Dr. Odilon de Beauclair, na Sessão Comemorativa do Dia Continental do Seguro

No dia de hoje — 14 de maio — milhares de seguradores em todos os países da América estão comemorando, com orgulho, o que se convencionou chamar o “Dia Continental do Seguro”. E’ mais uma demonstração de unidade de que dão um bom exemplo as nações dêste continente, sempre desejosas de encontrar soluções comuns para os múltiplos problemas que as assoberbam.

Em nosso país, possivelmente nesta mesma hora, reuniões idênticas a esta estão sendo realizadas em São Paulo, Pôrto Alegre, Belo Horizonte, Recife, Salvador e Curitiba.

Os povos da América, a despeito das eventuais dessemelhanças de raça, cultura e religião, há já muito tempo compreenderam a conveniência de trabalhar unidos para seu benefício mútuo, criando órgãos próprios para o bem estar geral e promovendo congressos para que sejam debatidas as questões que por igual lhes interessam.

Foi no século passado que o pan-americanismo começou a tomar corpo e Bolívar foi, sem dúvida, o seu precursor. Sua foi esta frase, que vale como um dístico imortal: — “Nuestra patria es la América”. Refugiado na Jamaica, redigia, em 1815, uma carta profética, na qual recomendava que os representantes de todos os Estados Americanos se reunissem periódicamente no Panamá, para discutir as questões da paz e da guerra. Era êle ainda quem, nove anos mais tarde, como chefe do governo peruano, convidava as nações da América para uma reunião no Panamá. Do congresso, que se realizou em junho de 1826, participaram: Peru, México, Colômbia e a América Central, tendo chegado tarde os delegados de Washington. Assinou-se, então, um tratado, inspirado pêlo gênio e pela audácia de Bolívar, que previa uma verdadeira confederação de todos os países americanos, como sempre o desejara o Libertador. Também se concordou dentre várias medidas, abolir o tráfico de escravos africanos e estabelecer princípios fixos de Direito Internacional, com o fim de evitar choques sôbre pontos controversos”. Estava lançada uma idéia que se não perderia. Décadas mais tarde começaria a série de conferências pan-americanas que vêm até os nossos dias, para exame

de tantos problemas, parecendo alguns dêles arrancados à agência do Congresso do Panamá. Tudo isso é fruto do idealismo de Bolívar, que jamais se cançou de lutar pela unidade americana. Êle afirmava: “O novo mundo deve estar constituído por nações livres e independentes, unidas entre si por um corpo de leis que regulem suas relações exteriores”. Cinco dessas nações, uma das quais lhe tomou o nome, devem-lhe a independência. Sua obra de guerreiro, que durou quatorze anos de lutas desesperadas e nas quais conheceu tantas horas amargas, só encontra paralelo na sua capacidade de estadista. Foi heróji pela espada e grande com a lei. De quanto o seu gênio deixou em herança à América não será a menor a idéia da solidariedade continental que lhe assegura o tope da lista dos que, pela História afora, se fizeram trabalhadores da mesma causa. “Nuestra patria es la America”...

Para se ter uma idéia do despreendimento e da elevação de propósitos dêsse gênio, basta reproduzir o que êle respondeu aos que lhe sugeriram que se deixasse coroar, imitando Bonaparte: “Aqui nada disto existe, nem quero imitar Cesar e, ainda menos, a um Iturbide”.

Vale citar, por oportuna, atitude idêntica que teve George Washington quando, libertada a América do Norte, os oficiais de seu exército lhe propuzeram fazer-se imperador. Foi esta a lapidar resposta: “Com surpresa e dor lí o pensamento que me transmitistes. Acreditei que em tôda a duração da guerra nada me affligiu tanto como o saber, agora, por vós, que tais idéias circulam no exército. Devo encará-las com horror e condeno-as severamente. Em vão procuro, na minha conduta, o que vos possa ter animado a fazer-me tal proposta, que julgo ser cheia das maiores desgraças para a pátria”.

São dêsse estôfo moral, dessa fibra, os precursores do pan-americanismo. E não se cometa a injustiça de supor que a idéia da formação de um bloco coeso, uma confederação dos países americanos, como aspirava o Libertador, visaria tão sômente fortalecê-los e colocá-los em situação de poder opor uma resistência decisiva a qualquer ato de violência por parte das nações de outros continentes.

Odilon de Beauclair, Presidente em exercício da Federação, discursa sobre o significado da comemoração.



Engenheiros diplomados da Federação posam em companhia do Dr. Arnaldo Barroso, Dr. Carlos Santos e Dr. Odilon de Beauclair.



Um detalhe parcial da assistência que prestigiou as comemorações na data.



Não há dúvida alguma que a defesa contra possíveis tentativas de reconquista era, então, motivo de sérias preocupações, mas a verdade é que os horizontes que esses estadistas descorriam, límpidos pela pureza dos seus sentimentos, pela sinceridade, pelo desprendimento com que braçaram a causa da liberdade, eram enormes e ultrapassavam de muito as raías estreitas de objetivos puramente belicosos.

Essas idéias avançadas, os princípios formulados por Eganã, Clay e até por Canning, estadista liberal inglês, inspiraram Monroe em 1823 a criar a célebre doutrina da "America para os americanos", que tantas preocupações trouxe às grandes potências da Europa.

Os ideais pan-americanos foram se cristalizando e na Assembléa de Washington de 1889, além de uma série de medidas de grande alcance sôbre regimen sanitário, propriedade literária, facilidades aduaneiras, propósitos de arbitragem, etc., foi criada a União Internacional das Repúblicas Americanas que, depois, teve a sua designação mudada para União dos Estados Americanos e, posteriormente, para União Pan-Americana. Hoje temos a Organização dos Estados Americanos, paladino inscansável de tôdas as causas que interessam o bem estar e a prosperidade das nações dêste continente e que vem contribuindo, cada vez mais, para a harmonia e o bom entendimento entre os povos do nosso hemisfério.

Peço permissão para nesta altura, prestar uma homenagem a Alexandre de Gusmão, o brasileiro que, no tratado de Madrid, de 13 de janeiro de 1750, modificou o programa traçado em Tordesilhas, introduzindo nele uma cláusula em que se declara que, se por desgraça, uma guerra irrompesse entre os dois Estados signatários (Espanha e Portugal), queriam os reis que não se sentissem em guerra entre si os seus súditos da América, que deveria continuar em paz, sendo punido o menor ato de hostilidade de um contra o outro, recomendando, sob severas sanções, o estabelecimento da paz perpétua e do espírito de boa vizinhança. Foi além: para dar forma material e significativa a êsse sentimento de fraternidade americana, nas instruções que foram dadas para a delimitação das fronteiras dos territórios coloniais daquelas potências, conseguiu com que fôsse inscrito, nos marcos divisórios, o versículo bíblico: "Justitia et pax os osculate sunt".

Rodrigo Otávio Filho comentando êsse facto, em uma reunião do Rotary Club do Rio de Janeiro em que se comemorava o dia Pan-Americano, disse que as palavras que empre-

gou Alexandre de Gusmão, em 1750 "paz perpétua e espírito de boa vizinhança", têm um sabor de atualidade que não nos tira a certeza de que assim continuará a ser, uma vez que traduz um sentimento que, entre os povos do continente americano, encontra suas raízes em tempos que já vão longe.

A instituição de uma data continental para o Seguro Privado resultou de deliberação da II Conferência Hemisférica de Seguros, realizada no México, em 1950.

O que se teve em vista, com isso, foi a criação de oportunidade para um trabalho divulgacional que, tornando-se mais intenso em determinada data, por isso mesmo estaria em condições de produzir maior impacto na opinião pública das nações americanas.

A publicidade é, sem dúvida, um dos mais eficazes instrumentos que o mundo moderno conhece em matéria de disciplina e fomento do consumo. Uma poderosa alavanca, portanto, para a movimentação e expansão de mercados.

Numa visão panorâmica da economia continental o que ressaltava era, decerto, a falta de sincronização entre o desenvolvimento do Seguro e o das demais atividades, daí resultando a preocupação geral dos seguradores no sentido de criar ambiente e estímulos, para que suas operações adquirissem um ritmo de crescimento compatível com o papel reservado à Instituição. Nessa obra não se poderia prescindir do concurso de um trabalho de divulgação destinado a criar no público uma mentalidade mais susceptível a assimilação das idéias de previdência.

Entretanto, as celebrações referentes ao Dia Continental do Seguro teriam que adaptar-se às necessidades locais de cada país. No Brasil, onde o segurador tem uma compreensão nítida das vantagens oferecidas pelas campanhas publicitárias, já não assume maior importância o trabalho divulgacional programado para uma data certa. Essa é uma tarefa quase quotidiana, que, justamente na continuidade, encontra maior eficiência e rendimento.

A data passou, dessarte, a ensejar oportunidade para a confraternização profissional, nada perdendo, entretanto, em significação.

Seu âmbito continental decorre da estreita aproximação cultivada pelas Conferências Hemisféricas periódicamente realizadas, certas mes nos quais os seguradores de tôdas as Américas discutem, em comum os variados problemas que lhes são também comuns.

Temos comemorado o Dia Continental do Seguro sob as mais variadas formas. Êste

ano resolvemos render uma homenagem aos técnicos em seguro. Para a evolução do mercado segurador nacional tem sido de alta valia, indiscutivelmente, o concurso prestado pelos técnicos, votados ao estudo e aperfeiçoamento constante de uma complexa e árdua especialização.

Mas sempre imperou, entre nós, o autodidatismo, não sendo remota a época em que eram quase insuperáveis as dificuldades existentes em tal setor de formação profissional.

O quadro, nos últimos anos, tem passado por considerável melhoria. Mesmo assim, as possibilidades de graduação oficial ainda são insuficientes para fornecer o contingente anual de especialistas de que o Seguro Privado carece nesta fase de intenso desenvolvimento de suas operações. Tal insuficiência ainda não pôde ser corrigida, sem embargo da obra admirável que tem sido tentada, não só pelo Curso Básico de Seguros e pela Sociedade Brasileira de Ciências de Seguros, mas, também, pela Faculdade de Ciências Econômicas, desde que ali se criou uma cadeira de seguros, con-

fiada à alta competência do Dr. Amílcar Santos.

A formação profissional através dos processos autodidáticos tem, assim, predominado. E por esse meio tem sido possível preencher a lacuna oriunda da falta de estabelecimentos de ensino organizado, tornando-se de estrita e absoluta justiça reconhecer e proclamar os méritos de profissionais cujo cabedal é conquistado em tão difíceis condições.

Foi com esse objetivo que a Federação Nacional das Empresas de Seguros Privados e Capitalização resolveu instituir o *diploma de técnico em seguros*, estabelecendo condições rigorosas para que a sua concessão pudesse, realmente, corresponder a um verdadeiro atestado de capacidade profissional.

Aproveitando a feliz oportunidade de contarmos com a honrosa presença de S. Excia. o Sr. Ministro do Trabalho, Indústria e Comércio, vou solicitar-lhe que faça, pessoalmente, a entrega dos diplomas expedidos pela Federação. Muito obrigado.

Os Problemas do Seguro de Automóveis na França

Como em muitos outros países, mas em maior grau do que na maioria deles, o seguro de automóveis causa bastante preocupações aos seguradores.

As perdas por eles sofridas são da ordem de 20 milhões de francos franceses em 1956, e — se bem que seja ainda cedo se saber as de 1957 — já se pode afirmar que serão provavelmente ainda superiores. Se aproximarmos essas perdas do montante dos encaixes do ramo automóvel que se elevam a cerca de trinta milhões, compreender-se-á a que ponto a situação traz preocupações.

No entanto, as tarifas — na medida em que se pode compará-las são geralmente tão elevadas ou mesmo mais do que no exterior.

Qual a razão, pois, dessas perdas? São várias as razões. Desde logo, como em todos os lugares do mundo, a circulação de automóveis não cessa de aumentar na França, mas, por motivos de dificuldades financeiras crônicas para o governo francês, não se pode dar toda a amplidão que seria de desejar à construção de novas estradas e à adaptação das antigas; projetos de auto-estradas constituídas com fundos privados e que seriam passíveis de direito de pedágio estão, aliás em estudo e é provável que as companhias de seguros participem de seu financiamento.

por J. Philippe

*Diretor da "Tribune des Assurances",
para a cadeia jornalística "Os quatro u"*

A segunda causa do déficit do seguro de automóveis reside no fato dos tribunais mostrarem-se muito pródigos para com as vítimas de acidentes. Eles aceitam, facilmente, a responsabilidade civil do automobilista partindo do princípio oriundo do Código Napoleão (elaborado em fins do século dezoito, quando nem se fazia idéia da circulação automobilística...) que todo proprietário é responsável, pelos danos causados pela coisa de que é dono. O automobilista, portanto, é presumidamente responsável, e não pode desvencilhar-se a menos que prove a culpa da vítima, e essa prova é frequentemente impossível. Além disso, os juizes — sabendo que os automobilistas são a mais das vezes segurados "sem limites", fixam o custo das indenizações em quantias muito altas: o mesmo acidente, por exemplo, pode custar de duas a cinco vezes mais caro quando se verifica na França ao invés de ter acontecido na Espanha, na Suíça ou na Alemanha, para citar serão países limitrofes.

Enfim, as sucessivas depreciações monetárias de que se tem notícia na França, natu-